

## OS TRÊS ANJOS DE MANUEL BANDEIRA

para TRAVESSIA

PAULO ARMANDO  
escritor

Os anjos benfazejos, que prodigaram ao poeta amor, alegria e desvelos carinhosos, foram Moussy, Dulce e Lourdes, a quem ele, em sua habitual discrição e sempre zeloso por sua privacidade, se referia, apenas, como **minhas amigas**. Mas esse amigas era dito com especial ternura.

Antes de evocá-las, porém, darei violento salto para trás no tempo, a fim de narrar episódio da adolescência de Manuel, que se reveste de maior importância e interesse por envolver, além dele, duas personagens que, mais tarde, viriam a ter fama internacional. Tal passagem — que nunca foi escrita, nem por ele nem por ninguém — me foi relatada pelo próprio poeta, em uma de minhas muitas visitas ao apartamento 806 do Edifício São Miguel, no Castelo (Praça da Itália, Av. Beira-Mar, 406, esquina com a Av. Pres. Antônio Carlos; prédio hoje comercial, mas, na época, exclusivamente residencial, onde também moraram Roquette-Pinto, J.E. Pizarro Drummond, o livreiro-editor Carlos Ribeiro e Genolino Amado. A esse último, Bandeira chamou, na crônica "Baleia Gigante" — inserida em "A Flauta de Papel", Editora Alvorada, Rio, 1957 — de "meu vizinho pare-des-meias").

O episódio se passou em 1913, no Sanatório de Clavadel, na Suíça, onde Manuel, com 17 anos, lutava contra a tuberculose, em tratamento que seria interrompido pela eclosão da 1ª Guerra

Mundial, obrigando seu pai a chamá-lo de volta.

Estavam ali, também internados, o ainda desconhecido poeta francês Paul Éluard e a bela princesa russa Gala, que iniciavam o romance de amor que os levaria, posteriormente, ao casamento, mais tarde desfeito pela traição dela, abandonando o marido para ir viver com Salvador Dali, de quem se tornou dedicada companheira e modelo predileto, até morrer recentemente, quase nonagenária.

Em pouco tempo de convívio, Bandeira e Éluard haviam se descoberto como poetas e mantinham longas palestras. Seja pelas horas que essas roubavam ao idílio, seja por outro qualquer motivo, a jovem não gostava de Manuel e não perdia oportunidade para evidenciar seu desdém pelo pequeno, magro e feio brasileiro. Certa manhã, porém, quando ele fazia o exercício diário em idas e voltas pelo jardim fronteiro ao pavilhão, viu, com grande espanto e surpresa, Gala sair do prédio e vir, sorridente, a seu encontro. Após saudá-lo, afável e efusivamente, o convidou para, agora, ao lado dela, continuar as andanças. Era a jovem quem, com sorrisos e gestos um tanto exagerados, animava a palestra. Nosso poeta, atônito, procurava, em meio à incessante tagarelice, descobrir a causa da inesperada mudança de atitude. Até quando, de repente, percebeu a insistência com que Gala olhava para determinado ponto. Seguiu o olhar e avistou Éluard na sacada de seu quarto, acompanhando, carancudo, os dois. Havia brigado e ela, em jogo bem feminino, usava o desprezado brasileiro para fazer ciúmes ao namorado..

Ao longo, depois, de sua extensa vida, Manuel Bandeira veria muitas mulheres o buscarem com sincera afeição e não, apenas para, momentaneamente, espicaçar ciúmes de outrem. E continuava pequeno, magro e feio. Tinha, no entanto, além de sua ternura e simpatia — que se revelavam, luminosas, quando sorria — o fascínio de seus poemas. Como ele próprio confidenciou, em almoço na Editora José Olympio, a 9 de junho de 1965, a Carlos Drummond de Andrade, que registrou em seu diário ("O Observador no Escritório", Editora Record, Rio, 1985):

*"Dis que sua poesia, por muitos anos, não lhe rendeu nada materialmente, mas, em compensação, todas as mulheres que passa-*

*ram por sua vida, o fizeram atraídas pelos seus versos. Ele não tinha outras condições para encantá-las, pobre e doente como sempre foi."*

Impossível saber quantas "passaram por sua vida" e quem foram. Mas, sem dúvida, foram muitas as **amigas**, já que era bastante amoroso e sensual (há poemas seus, inéditos, altamente eróticos, entre os quais o soneto "A Cópula", que a nova revista de Brasília **Bric-a-Brac** acabou de publicar em seu primeiro número e que o **JB** (11/10/86) considerou impublicável, por obsceno).

Foram muitas as **amigas**, mas anjos protetores somente as três que acima nomeiei e todas conheci.

O primeiro anjo — Mme. Blank, de quem eu nunca soube o nome completo, sendo que ele mesmo, quando a ela se referia, assim a chamava (só após sua morte, em 1965, passou a usar, em cartas para mim, o apelido carinhoso de Moussy). Era a mais bonita, mais refinada e de maior fidalguia e elegância de porte. Quando a conheci, já tinha a cabeça inteiramente branca, uma bela cabeça musical. Era, então, mais citada nas rodas artísticas como "a mãe da Joanita Blank" (Joanita fez, na época, renome como desenhista). Moravam no apartamento 801 deste mesmo Edifício Zacatecas, onde hoje, no 805, vivo eu. O prédio na esquina da Rua das Laranjeiras com a Pereira da Silva, em centro de terreno e cercado de árvores, ocupa o espaço onde existiu, outrora, a mansão do Eng. Paulo de Frontin. O poeta, assíduo nas visitas à amiga, costumava pernoitar ali. Frequentemente, eu, que então residia em rua mais acima, o via subir no ônibus, no ponto em frente ao Zacatecas. Como era hora de **rush** matinal, só havia lugar em pé, no corredor. Queria lhe ceder meu lugar, mas ele, obstinadamente, jamais aceitou. Não havia meio de conseguir que sentasse e ficávamos, até a cidade, a conversar, eu constrangido a vê-lo a equilibrar, mão na alça, o corpo franzino e doente, mas de incrível tenacidade e resistência.

Assim Manuel voltara ao tradicional bairro, onde fora criança e conhecera Machado de Assis. Ali muitas vezes vi os dois, poeta e amiga, saindo, de braços dados, do jardim do edifício,

para, com passos vagarosos, passearem pelos arredores. Uma tarde, do interior de bar fronteiro, os avistei se curvando sobre um canteiro, certamente pra contemplar de perto alguma flor. Saíram do pátio e, ousadamente, atravessaram a rua fora do sinal. Seguiram pela calçada do lado do botequim. Cheguei à porta e resolvi chamar o poeta, gritando fortemente: "Manu! Manu!" (era o afetuoso hipocorístico que, em 1925, Mário de Andrade inventara para o grande amigo. Após a morte do Gigante Arlequinal, em 1945, passei a usá-lo, para que não fosse esquecido). Gritei até que os dois pararam e se voltaram, lentamente, para trás. Acenei com a mão e Manuel acenou, também, sorrindo, enquanto a senhora, com gentil donaire, curvava a magnífica cabeça, em cortês mesura.

Fixei, posteriormente, aquele momento no jardim, em uma "Balada das Laranjeiras", que remeti para o poeta. Agradecendo, me escreveu, a 26 de outubro de 63:

*"Desculpe-me ter demorado tanto em acusar recebimento dos poemas dedicados a mim e a Mme. Blank. Estão lindos. Ainda não mostrei a balada a ela por causa daquela alusão à morte fria, embora esta não a assuste. A minha querida amiga vai bem de estado geral, mas a arteriosclerose cerebral progride sempre e a falta de memória suscita certas confusões mentais, que às vezes a afligem, o que muito me dói."*

Um ano depois, Mme. Blank morreria, em sua Holanda, para onde voltara e aonde Manuel fora visitá-la meses antes. Em 19 de maio de 65, em carta, agora para Porto Alegre, onde eu passara a residir, me contava com amargura:

*"Independentemente disso, o meu aniversário não podia deixar de ser triste, pois foi o primeiro — há mais de 57 anos! em que não tive mais a companhia de Mooussy, falecida em outubro de 64 em Amsterdam. Essa perda deixou-me sem apetite de continuar a viver. Você, que a viu passeando comigo na Rua Pereira da Silva, compreenderá esse meu sentimento. Procuo reagir pelo trabalho e tenho trabalhado muito."*

A 27 de junho seguinte, retoma o assunto dilacerante:

*"Quando eu e Moussy conversávamos sobre a morte, ela me perguntava: 'Quando eu morrer, o que você faz?' E eu respondia: 'Começarei a morrer imediatamente!' Dizia isso para divertir-la, mas a verdade é que tenho a impressão de que comecei a morrer mesmo. Ando numa tristeza de morte, desinteressado de*

*tudo. E invejo os que não estão sofrendo mais, como o nosso inesquecível Mário, de quem você me fala em sua carta a propósito do 20º aniversário do falecimento dele."*

Pobre Manuel, que jamais poderia adivinhar outro golpe tremendo que aquele ano lhe reservaria, com a morte de Dulce Pontes, o segundo anjo.

Das três foi a mais humilde e menos conhecida. Creio que poucos souberam de sua existência e do papel importante por ela desempenhado na vida do poeta. Foi por isso, sem dúvida, que não figurou no artigo "O Fraco que Ele Tinha pelas Mulheres", inserido, sem nome de autor, no Caderno B Especial do **Jornal do Brasil** de 20 de abril deste ano, na comemoração do centenário de nascimento de Bandeira. O anônimo redator não a inclui entre as que com ele saíam em público na rua, "as mulheres apontadas pelos biógrafos como as que assumiram e foram assumidas. Dulce era pernambucana e enfermeira e, com os conhecimentos profissionais, foi incansável em assisti-lo em períodos de enfermidade.

A conheci em um fim de tarde, no restaurante "Casa Esplanada", que ficava (não mais existe) na Av. Presidente Wilson, quase na esquina da Antônio Carlos, bem perto do Edifício São Miguel. Eu bebia, sozinho, quando os vi entrarem e se sentarem em mesa próxima, para jantar. Me levantei e fui saudar Manuel, que me apresentou a amiga. Não era bonita, mas de grande doçura e simpatia, bastante moça ainda. Enquanto o poeta conversava comigo, com sua voz ligeiramente anasalada e os característicos pigarros, secos e breves, pontuando as frases, notei a embevecida ternura com que ela o fitava, deixando transparecer o grande afeto que lhe devotava. Nunca mais a vi, mas muito me lembraria daquele momento, ao receber a comovente carta de 28 de dezembro, em que ele me diz:

*"O fim do ano — desse triste ano de 65 durante tanto me doeu a perda de Moussy — foi duríssimo para mim, pois perdi outra grande amiga (a que na minha antologia de bissextos figura sob o pseudônimo de Lucila Godoy). Amiga de 30 anos, 27 anos mais moça do que eu, chamava-se Dulce Pontes e merecia o nome de Dulce, era uma doçura (aliada à admirável firmeza de caráter), nunca me deu um desgosto e era o meu refúgio nas tempestades da vida. Foi um abalo tremendo a morte dela pela*

*fatalidade das circunstâncias: ela teve um colite gravíssima, mas curou-se a poder de transmissões de plasma, soro e sangue e de uma sulfa mandada vir dos Estados Unidos. A fatalidade é que numa dessas transmissões de plasma ou sangue contaminou-se do vírus de hepatite e em cinco dias morreu. Dia 21 fez um mês. Fiquei arrasado."*

Nunca cheguei a comentar com Manuel o pseudônimo escolhido (por ela ou por ele?), mas Lucila Godoy era o verdadeiro nome da poetisa chilena (que também conheci) Gabriela Mistral.

A 19 de agosto de 66, torna a lembrar as duas amigas:

*"As perdas de Moussy e Dulce deixaram-me desamparado. Me lembro perfeitamente do encontro em que lhe apresentei a Dulce."*

Restou, então, ao poeta, somente o terceiro anjo, o único a lhe sobreviver: a mineira, de Cataguases, Maria de Lourdes, filha do sergipano Heitor Lopes de Souza, ministro do Supremo Tribunal Federal, e desquitada do cearense Meton de Alencar Neto. Com ela, sob o mesmo teto, no Edifício Presidente Pena, Rua Aires Saldanha, quase na esquina da Miguel Lemos, passaria ele os dois últimos anos de sua vida. Os motivos da mudança vinham na mesma carta de 19 de agosto:

*"Sabe o que aconteceu? Aguentei firme as maçadas do 80º aniversário, mas uns dias depois, comendo um almoçozinho besta, ingeri um pedaço de lingüiça deteriorada, fui acometido imediatamente de uma gastrite aguda, que deu comigo numa casa de saúde, onde fiquei cinco dias, padeci muito de vômitos, espetadelas de injeções, transfusões de soro, gastando meio milhão (e sem pagar a médicos, que eram amigos!) Em minha ausência em Teresopolis, antes do aniversário, houve no meu apartamento, justamente no quarto de dormir, um curto-circuito com começo de incêndio, que foi pressentido e abafado pelos vizinhos. Queimaram-se as cortinas, meu colchão, uns pedaços de soalho. De sortê, que, saindo da clínica, vim convalescer em Copacabana para satisfazer à necessária dieta. Até hoje estou aqui à Rua Aires Saldanha, 72, ap. 302, casa de minha Lourdes Heitor de Souza. Só agora é que estou tratando de mandar repintar meu quarto do Castelo."*

Não sei se chegou a ser repintado, mas para lá jamais voltaria o poeta. Com o organismo cada vez mais combalido, permaneceria — até a "Indesejada das Gentes chegar" — ao lado de Lourdes, no pequeno apartamento do Posto 5, onde, em minhas vindas ao Rio e após meu retorno definitivo, não deixaria de

visitá-lo. A 28 de outubro de 1967, quando fui vê-lo, com minha esposa Lívia, me deu, com letra já muito trêmula, o último autógrafo, na edição de "Cartas de Mário de Andrade", feita em 1958 pela Organização Simões. Dedicatória curta e simples, mas, para mim, comovente e de grande significação: "A Paulo Armando, de quem o Mário muito gostava, oferece Manuel Bandeira."

Em carta de dezembro de 66, ele me dissera, com bom humor:

*"Acho que puseram mau olhar nos meus 80 anos. Antes de completá-los eu estava com boa saúde; depois uma doença atrás de outra."*

No final da vida — mau olhar ou não — as crises se tornariam mais frequentes, com sucessivas gastrites e quedas de pressão. Para cúmulo, além das moléstias, outro incêndio viria a afligi-lo. Surgido alta noite, no apartamento vizinho, ameaçava se alastrar ao 302, o que obrigou Lourdes e Manuel a abandonarem, precipitadamente, o prédio, no carro do fiel amigo, o incansável Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Ali fui, pela última vez vê-lo, em meados de 68, levando comigo o pintor capixaba Al Ghu, para conhecê-lo. Como a resolução fora repentina e tomada na rua, não pudera, como sempre fazia, combinar previamente a visita. Quando chegamos, ele dormia e Lourdes jogava cartas com uma sobrinha (creio que a atual assessora de imprensa do Governo do Estado, Martha de Alencar). Passados alguns momentos, Lourdes deixou a sala e foi ver se o poeta acordara. Voltou, logo após, e me chamou pra ir vê-lo, pedindo desculpas a meu companheiro por não levá-lo também, dada a fraqueza de Manuel. Entramos, o aposento estava envolto em penumbra e custei a divisar o amigo; a luz de fim de tarde mal entrava pela única janela, semicerrada. Orientado por Lourdes, me aproximei da cama estreita onde ele repousava. Meio dormindo, meio acordado, me olhando sem os óculos, de baixo para cima, me confundi, no escuro, com Vinicius, perguntando quando eu chegara da Inglaterra. Desfeito o equívoco, trocamos algumas palavras, poucas, porque notei sua prostração e não quis cansá-lo. Alquebrado, parecia estar muito distante, já em outra margem, inacessível para nós. Saí com a triste im-

pressão de que o fim se aproximava.

E realmente não tardou. Em 14 de outubro, após violenta hemorragia gástrica, morreria de anemia aguda, no Hospital Samaritano, em Botafogo. Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho não precisava mais invejar os mortos: também ele já não estava mais sofrendo.

No velório, na Academia Brasileira de Letras, Lourdes, inteiramente desarvorada, veio, chorando, a meu encontro: "Nosso amigo nos deixou... O que vai ser de mim, agora, Paulo Armando? Uma velha maluca, andando, sozinha, pelas ruas..."

\* \* \*

O terceiro anjo permaneceria recordando saudosamente o poeta, até se apagar, em suavidade, aos 76 anos, em 28 de setembro de 1977.

*Manuel Bandeira*